

**O TERRITÓRIO COMO ELEMENTO CONSTITUIDOR DA IDENTIDADE
SOCIOCULTURAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS:
A Constituição Sócio-Histórica da Comunidade Ribeirinha de São Carlos
(Baixo Madeira, Porto Velho/RO)**

*THE TERRITORY AS A CONSTITUENT ELEMENT OF THE SOCIO-CULTURAL
IDENTITY OF THE TRADITIONAL PEOPLES AND COMMUNITIES: The Socio-
Historical Constitution of the São Carlos Riverside Community (Baixo Madeira, Porto
Velho / RO)*

Renato Fernandes Caetano¹

Raimundo Nonato Pereira da Silva²

Eva da Silva Alves³

RESUMO

O objetivo é discutir o território como elemento constituidor da identidade sociocultural da comunidade ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, em Porto Velho/Rondônia). Assim, será preciso indicar elementos da história de constituição do povo brasileiro e qual a sua influência na constituição da Comunidade de São Carlos; procura-se, ainda, apontar elementos sobre o ser ribeirinho e o que gera o pertencimento ao território e identificar os impactos socioculturais gerados pela política de deslocamento territorial em processo de implantação pelos governos

¹ Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM), Mestre em Educação (UNIR) e Licenciado em Filosofia (CEUCLAR). Professor e Coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Católica de Rondônia e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Desafios Socioambientais, Saberes e Práticas na Amazônia. Bolsista e Coordenador de Projeto com apoio financeiro de custeio pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Rondônia (FAPERO). E-mail: renato@fcr.edu.br.

² Doutor em Ciência Política (UFRGS) e Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Doutorado em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: acopiama.nonato@gmail.com.

³ Mestranda em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Santo André, Polo de Guajará-Mirim/RO, Graduada em Letras e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Desafios Socioambientais, Saberes e Práticas na Amazônia. Bolsista da CAPES. Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: evaalvesgm@yahoo.com.

estadual (Rondônia) e municipal (Porto Velho). O estudo poderá ser um norte para avaliação dos impactos das políticas públicas sobre as mobilizações e redefinições territoriais das comunidades ribeirinhas, a exemplo do Projeto “Nova São Carlos”. A pesquisa se fundamentou em fontes bibliográficas, documental, observações e entrevistas na comunidade de São Carlos. Espera-se que estes estudos possam contribuir para minimizar os impactos socioculturais deste processo de deslocamento e servir de parâmetro para futuras mobilizações e redefinições territoriais das comunidades ribeirinhas do espaço rondoniense e amazônico.

Palavras-chaves: Comunidade Ribeirinha de São Carlos. Território. Identidade. Formação Sócio-histórica. Impactos Socioculturais.

ABSTRACT

The objective is to discuss the territory as a constituent element of the sociocultural identity of the São Carlos riverside community (Baixo Madeira, in Porto Velho / Rondônia). Thus, it will be necessary to indicate elements of the history of constitution of the Brazilian people and what their influence in the constitution of the São Carlos Community; (Rondônia) and municipal (Porto Velho) governments. The objective of this study is to identify the socio-cultural impacts generated by the territorial displacement policy in the process of implementation by the state (Rondônia) and municipal governments (Porto Velho). The study could be a north to evaluate the impacts of public policies on the mobilizations and territorial redefinitions of the riverside communities, like the "New São Carlos" Project. The research was based on bibliographical sources, documentary, observations and interviews in the Saint Charles's community. It's hoped that these studies can contribute to minimize the sociocultural impacts of this displacement process and serve as a parameter for future mobilizations and territorial redefinitions of the riverside communities of the Rondonian and Amazonian space.

Keywords: São Carlos Community Riverside. Territory. Identity. Socio-historical formation. Sociocultural Impacts.

INTRODUÇÃO

No modelo atual de desenvolvimento econômico, de avanços tecnológicos e seus múltiplos cenários de mudanças e sociedades líquidas, as comunidades tradicionais sofrem um processo de invisibilização e negação de seus direitos,

tradições, identidade e territórios. Como aponta Pacheco de Oliveira⁴, sempre os povos tradicionais foram “representados por seus tutores”. Razões que acabam sendo afetadas pelos grandes projetos e mobilizações que invisibilizam mais ainda a identidade das comunidades, levam à perda de território e não conseguem ter o mínimo existencial garantido por políticas públicas. Carlos Frederico Marés⁵, no livro *O Renascer dos Povos Indígenas para o Direito*, lembra o magistral romance de Manuel Scorza, no qual o personagem Garabombo se torna invisível ao reivindicar seus direitos. Este romance reflete a realidade dos povos e comunidades tradicionais da América Latina, do Brasil e da Amazônia, em especial. E este é um panorama que devemos mudar, de modo a reconhecer os modos de ser, fazer e viver destes povos e comunidades, os quais constituem a identidade e pertença ao território, evitando assim uma “terraplanagem cultural.”⁶

Neste sentido, se fazer necessários pesquisas como esta sobre uma comunidade ribeirinha tradicional e histórica que está ameaçada em sua identidade e integridade (física/territorial, cultural, social, humana e econômica), devido aos impactos das Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira e das consequências advindas destas duas grandiosas obras amazônicas.

Portanto, o presente artigo – parte de um projeto maior de pesquisa em andamento do projeto de tese intitulado “COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO CARLOS (BAIXO MADEIRA, PORTO VELHO/RO): Deslocamento, Conflitos Socioambientais, Identidade e Territorialidade” – tem por objetivo discutir o território como elemento constituidor da identidade sociocultural da comunidade ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, em Porto Velho/Rondônia). Chegou-se a este recorte inicial a partir de algumas visitas à comunidade e constatação imediata da importância do território para a constituição e manutenção da identidade sociocultural da comunidade.

Assim, em um primeiro momento, será apresentada uma caracterização da comunidade ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, em Porto Velho/Rondônia), destacando alguns aspectos, a partir do cotidiano, que constituem o viver e o ser do

⁴ PACHECO DE OLIVEIRA, João. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. p. 12.

⁵ SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **O Renascer dos Povos Indígenas para o Direito**. Curitiba: Editora Juruá, 1998. p. 180.

⁶ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – Formação Social e Cultural. Manaus: Editora Valer, 2009. p. 19.

ribeirinho, focando no que gera o pertencimento à comunidade e ao território. O objetivo é ter uma melhor compreensão desta realidade, pois, conforme palavras Benchimol⁷, precisamos conhecer “o complexo cultural amazônico”, especialmente “o conhecer, o saber, o viver, e o fazer” dos povos que aqui vivem.

Em seguida, destaca-se a importância do território como garantia de sobrevivência e manutenção dos elementos de constituição de povos e comunidades tradicionais ribeirinhos, a exemplo de São Carlos. O estudo é uma alerta para os impactos socioculturais que podem ocorrer com políticas de deslocamento territorial, como o em processo de implantação pelos governos estadual (Rondônia) e municipal (Porto Velho) na comunidade de São Carlos.

Em termos metodológicos, a pesquisa se fundamentou em consultas bibliográficas, documental e na observação e entrevistas com moradores da comunidade ribeirinha de São Carlos. As visitas e entrevistas veem sendo realizadas desde o ano de 2015 e tem revelado diversos aspectos sobre a realidade da comunidade, cabendo destaque a percepção dos moradores sobre a importância do lugar, do território, como elemento constituidor de seu ser e do fazer ribeirinho.

1 A COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO CARLOS (BAIXO MADEIRA, PORTO VELHO/RONDÔNIA) E OS CONFLITOS SOCIOCULTURAIS

Conforme o historiador Abnael Machado de Lima⁸, São Carlos é a localidade mais antiga⁹ no espaço atual limitado pelo estado de Rondônia: “fundada em 1723 pelo padre jesuíta João Sampaio a primeira povoação da margem direta do rio Madeira, a Missão de Santo Antônio do Alto Madeira, na foz do rio Jamari”, sendo a comunidade formada por descendentes de trabalhadores de seringais presentes na região e de pessoas advindas de diversas regiões brasileiras. Portanto, as origens de São Carlos revelam as origens da atual colonização do Estado de Rondônia e da

⁷ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – Formação Social e Cultural. p. 17.

⁸ LIMA, Abnael Machado de. **Terras de Rondônia**: Geografia Física e Humana. 2ª ed. Porto Velho: editora do autor, 1991. p. 70.

⁹ Essa afirmativa deve ser considerada a partir do processo de ocupação portuguesa dos territórios amazônicos, com as missões jesuíticas. Pois em diversas regiões do atual estado de Rondônia foram encontrados, a partir de estudos arqueológicos, registros rupestres e vestígios litocerâmicos que comprovam a presença humana há mais de 9.000 anos (OLIVEIRA, 2013).

formação da cidade de Porto Velho, estando, portanto, indissociavelmente ligada à história de constituição do povo brasileiro¹⁰.

O contexto que deu origem a São Carlos se coaduna com o que Benchimol¹¹ chamou de “*fazer a Amazônia*, a serviço da fé e do império”. Este processo de colonização e expansão do império foi “uma tarefa dura e penosa que exigiu a mobilização de capitães-generais, sargentos-mores, sertanistas, missionários, colonos e índios [...]”¹².

Portanto, é nesta época que se formam os seringais ao longo do Rio Madeira (à época, Alto Madeira e que hoje se denomina de Baixo Madeira) e essas ocupações foram dando origem a diversos povoados e localidades, que na sua maioria ainda existem, como São Carlos. Portanto, se confirma a tese que a origem da localidade remonta a este passado e história de constituição do povo brasileiro:

O seringueiro, transplantado do Nordeste por um agenciador e tornado inteiramente dependente de um “patrão” e do esquema de “aviamento”, enquanto sofria uma espécie de moderna escravidão (como chamou Euclides da Cunha, 1976), propiciou a extraordinária ampliação da produção de borracha e permitiu a conquista a ferro e fogo dos vales interiores do Amazonas e afluentes.¹³

Benchimol¹⁴ também afirma esta mesma tese ao destacar que “a Amazônia tradicional, dos povos ribeirinhos dos baixos rios e do beiradão da calha central, sobrevive em todos os pequenos, sítios, povoados, vilarejos e cidades que se estabeleceram ao longo do rio Amazonas e seus afluentes”. Observa-se que a constituição da comunidade ribeirinha de São Carlos é fruto deste contexto sócio-histórico e de colonização da região amazônica.

O hoje Distrito de São Carlos fica localizado na área rural do município de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, no encontro das águas do Rio Jamari com um dos principais rios da bacia amazônica: o Rio Madeira. Atualmente o acesso se dá por via fluvial e terrestre, sendo um percurso de aproximadamente oitenta quilômetros por estrada de chão saindo do centro de Porto Velho.

¹⁰ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹¹ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – Formação Social e Cultural. p. 73.

¹² BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – Formação Social e Cultural. p. 74.

¹³ PACHECO DE OLIVEIRA, João. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. p. 35.

¹⁴ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – Formação Social e Cultural. p. 33.

No entorno de São Carlos há duas unidades de conservação de uso sustentável: a Reserva Extrativista do Lago do Cuniã, criada pelo Decreto N°. 3.238 (10/11/1999), e a Floresta Nacional do Jacundá, criada por Decreto em 1° de dezembro de 2004.

Na configuração atual, São Carlos é uma das principais e maiores comunidades do Baixo Madeira, com aproximadamente 370 famílias e 1500 habitantes, classificada como Distrito pela prefeitura de Porto Velho e sua infraestrutura visa auxiliar e agregar outras comunidades de seu entorno¹⁵. Em resumo, o Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia (NAPRA)¹⁶ assim caracteriza a comunidade de São Carlos: “Além de atividades tradicionais como pesca, agricultura (de várzea e terra firme), extrativismo (castanha e açaí), uma parcela considerável dos moradores de São Carlos são funcionários públicos (cerca de 10% da população) e muitos trabalham e geram renda por meio do comércio (mercearias, bares, farmácia, pousadas, revenda de produtos locais).”

Atualmente a comunidade ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, Porto Velho/Rondônia) encontra-se em um processo de incertezas devido os impactos das Hidrelétricas e pela última grande cheia no Rio Madeira (no ano de 2014¹⁷), gerando conflitos socioambientais e de identidade da comunidade, pois há um projeto de deslocamento do território tradicional de constituição e vida da comunidade e uma inércia dos poderes públicos no atendimento das necessidades dos que ali constituíram suas histórias de vida.

Porém, toda a riqueza cultural e identitária da comunidade de São Carlos está ameaçada de invisibilidade pelos impactos gerados das hidrelétricas e pela cheia de 2014 (acima mencionados) e pelas políticas de mobilização social e territorial que estão em processo de implantação pelo Município de Porto Velho e pelo governo do Estado de Rondônia, que mesmo sem estudos antropológicos, culturais e sociais planeja deslocar a comunidade através do Projeto denominado de

¹⁵ Comunidades como Brasileira, Boca do Jamari, Terra Caída, Cavalcante, Curicacas, Bom Será, Sobral, RESEX Lago do Cuniã, Itacoã, Primor, Jamari, dentre outras.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.napra.org.br/comunidades-apoiadas/sao-carlos-do-jamari/>> Acesso em: setembro de 2016.

¹⁷ “A cheia do ano passado [2014] atingiu principalmente os municípios de Porto Velho, Nova Mamoré e Guajará-Mirim. **Cerca de 97 mil pessoas foram afetadas pela enchente**, sendo que **35 mil ficaram desabrigadas ou desalojadas**. Os custos para a recuperação total dos locais afetados foram estimados em **R\$ 4,2 bilhões**, e o **tempo necessário foi calculado em 10 anos**.” Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/04/relatorio-aponta-situacao-de-distritos-do-baixo-madeira-atingidos-por-cheia.html>> Acesso em: maio de 2017. (negritos nossos).

“Nova São Carlos”, conforme se poder observar na página oficial da Prefeitura do Município de Porto Velho (matéria publicada em 22/04/2015):

Moradores do distrito de São Carlos, distante cerca de 70km do centro urbano de Porto Velho, receberam no domingo (19) uma comitiva formada por servidores da secretaria municipal de Planejamento (Sempla), entre eles o titular da pasta Jorge Elarrat, e acadêmicos da Faculdade Uniron, do oitavo e nono períodos do curso de Arquitetura e Urbanismo, que estiveram na comunidade para apresentar o projeto da “**Nova São Carlos**”.

No ano passado, durante a cheia histórica do Rio Madeira, o distrito ficou 100% submerso e quando as águas baixaram deixaram um rastro de destruição. Todas as residências, comércio, prédios e espaços públicos foram soterrados. **Aos poucos os moradores foram retornando para a comunidade – mesmo sob alertas de novas cheias** – retirando o aterro e fazendo reparos nas residências e demais estabelecimentos que resistiram à enchente histórica. **Enquanto refaziam suas vidas**, em meio à ameaça de um novo episódio, moradores e poder público se esforçavam em busca de uma solução para a comunidade, que **por fim decidiram por reconstruir** São Carlos em uma nova área. (negritos nossos) (Disponível em: <<http://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/apos-garantir-area-reconstrucao-distrito-sao-carlos-sempla-e-uniron-apresentam-projeto>> Acesso em: setembro de 2015)¹⁸.

Como se observa pela matéria veiculada pelo site oficial da Prefeitura de Porto Velho, se pretende fazer uma “Nova São Carlos”, mas nota-se que na mesma também consta que mesmo após a enchente que deixou rastros de destruição – e conforme alguns estudos e relatórios essa enchente teve forte influência das Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, construídas acima no Rio Madeira – “os moradores foram **retornando para a comunidade** – mesmo sob alertas de novas cheias [...]. Enquanto **refaziam suas vidas** [...]”, ou seja, a identidade da comunidade é marcada pelo território e pertença a esta localidade. Fatos estes observados e testemunhado por meio de diálogos e entrevistas em visitas realizadas na comunidade nos anos de 2015, 2016 e 2017.

¹⁸ Nota: com a mudança da gestão da Prefeitura ocorrida a partir de 01/01/2017, observa-se no site oficial da Prefeitura a retirada de quase todas as notícias e informações da gestão anterior; por está razão a notícia acima não consta mais disponível para consulta no site da Prefeitura. Porém, a é mantida notícia na íntegra na página do jornal eletrônico *O Nortão* (Disponível em: <<http://www.onortao.com.br/noticias/apos-garantir-a-area-para-a-reconstrucao-do-distrito-de-sao-carlos-sempla-e-uniron-apresentam-projeto-arquitetonico,39871.php>> Acesso em: maio de 2017).

Esse retorno dos moradores é registrado por diferentes meios de comunicação local e apontam diferentes perspectivas, na sua maioria desconsiderando a identidade sociocultural da comunidade.

Em reportagem que foi ao ar no dia 08/06/2014¹⁹, a Rede Amazônica/TV Rondônia assim noticiou “Moradores de São Carlos começam a retornar para distrito sem autorização”. Das entrevistas realizadas na reportagem, chama atenção a da agricultora²⁰ Maria Cenise, “moradora há 54 anos do distrito e que não via a hora de voltar para casa”: “É maravilhoso, é tranquilo. Não tenho medo de ir para o meu trabalho e voltar. Em Porto Velho, Deus me livre, não é terra para pobre viver não”. Outro morador, José Edilson, mostrando a importância do território e da comunidade afirma que: “Foi aqui é [sic] nascemos, construímos família. E também não ia abandonar a casa que a gente fez com tanto sacrifício, tanta luta”. Mesmo com as respostas dos moradores reforçando a importância da comunidade, a reportagem finaliza com a afirmação que a mesma “[...] mais parece uma cidade fantasma”.

Em outra reportagem com o título “Após garantir a área para a reconstrução do distrito de São Carlos Sempla e Uniron apresentam projeto arquitetônico”, veiculada pelo site *O Nortão*²¹ e que também ficou até recentemente disponível no site oficial da Prefeitura de Porto Velho, observa-se um relato bem “pró” deslocamento e quase todas as falas reproduzidas na reportagem revelam essa intenção. Porém, nos chama a atenção o fato que após apresentarem o projeto há a seguinte afirmação: “Diante de toda a explanação do projeto **os moradores realizaram questionamentos** principalmente em relação à distribuição dos lotes, equipamentos comunitários e sobre a **permanência da cultura local**” (negritos nossos). Portanto, mesmo sendo uma nítida reportagem “pró” projeto de deslocamento, não tiveram como negar estes questionamentos dos moradores da comunidade que estavam preocupados com o seu território como maneira de assegurar a sua cultura e a sua identidade sociocultural.

¹⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/06/moradores-de-sao-carlos-comecam-retornar-para-distrito-sem-autorizacao.html>> Acesso em: maio de 2017.

²⁰ Com a nota que esta moradora possuía “plantação de hortaliças e a criação de galinhas” a reportagem pressupõe que ela seja “agricultora”. Pelas observações na comunidade e pelos conhecimentos culturais das comunidades tradicionais, o mais indicado seria identificá-la como ribeirinha.

²¹ Disponível em: <<http://www.onortao.com.br/noticias/apos-garantir-a-area-para-a-reconstrucao-do-distrito-de-sao-carlos-sempla-e-uniron-apresentam-projeto-arquitetonico,39871.php>> Acesso em: maio de 2017.

Essa perspectiva de resistência para permanecer no território originário da comunidade foi atestado por ocasião das pesquisas do Projeto de Pesquisa “DO INVISÍVEL AO VISÍVEL: Empoderamento das Comunidades Tradicionais de Porto Velho”²². Nestas pesquisas junto aos moradores que foram entrevistados na Comunidade de São Carlos, observou-se que o desejo é permanecer no território tradicional da comunidade e eles afirmam que não irão mudar para a área da “Nova São Carlos”, pois irão se distanciar dos elementos essenciais que dão identidade à comunidade: a vida às margens dos Rios Madeira e Jamari, o local de coleta de produtos extrativistas, locais de pesca, de convívio. Ou seja, não querem sair da territorialidade que lhes assegura a identidade e a sobrevivência.

Os moradores entrevistados ao longo de diversas visitas à comunidade foram unânimes em afirmar que este projeto de deslocamento da comunidade não foi devidamente debatido e nem realizadas consultas junto aos moradores tradicionais, mas apenas “apresentado com computador e tudo”²³ o projeto da “Nova São Carlos”, o que pode ser entendido como uma mera imposição.

Em pesquisa junto aos órgãos da Prefeitura responsáveis pelo Projeto da “Nova São Carlos”, constatamos que este projeto está em fase de regularização de um área que está sendo adquirida em parceria com o Governo do Estado e que fica em uma região denominada de “terra firme” à aproximadamente 10 quilômetros do atual território da Comunidade de São Carlos, não sendo mais tão próximo às margens do Rio Madeira e sim às “margens da estrada” (expressão usada pelos entrevistados e moradores de São Carlos).

Mesmo cientes que este estudo não irá impedir este deslocamento, sabemos que poderá registrar e caracterizar este processo, os conflitos socioambientais e efeitos sociais que impactam na vida, na identidade e no desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais. Neste sentido, se faz necessário apontar a importância do território como um dos elementos constituidores da identidade sociocultural dos povos e comunidades tradicionais.

²² Projeto desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Velho – SEMA e do um dos autores fez parte como pesquisador. O objetivo foi realizar pesquisa para apoio, discussão e elaboração da Política e do Plano Municipal de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) de Porto Velho.

²³ Afirmação de vários moradores entrevistados e que foi constatada pelas reportagens nos meios de comunicação local, como por exemplo, nas apresentações em “3D” divulgadas pela faculdade responsável pelo Projeto e disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaJ1x84TZ0s>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=alcOzAcOXJQ>>.

2 O TERRITÓRIO COMO ELEMENTO CONSTITUIDOR DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Diante da temática deste estudo, ou seja, uma pesquisa que tem por objetivo discutir o território como elemento constituidor da identidade sociocultural da comunidade ribeirinha de São Carlos (Baixo Madeira, em Porto Velho/Rondônia), necessário se faz questionar o que entendemos por identidade e território quando se fala de uma comunidade ribeirinha na Amazônia.

Recorrendo aos teóricos, apresentamos algumas definições que nos indica um caminho a seguir, a saber:

Caboclos, ribeirinhos, caboclo-ribeirinhos, seringueiros. **O homem amazônico é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos — ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, etc.) — que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos.** [...] Trata-se de recorrer a uma antiga (porém atual) indagação: **o que é ser da Amazônia** ou, noutras palavras, **quais são as consequências do processo de formação da (suposta) identidade dos seus habitantes no contexto amazônico?**²⁴ (negritos nossos).

Observa-se que falar do homem amazônico, de uma comunidade ribeirinha amazônica, não é tão simples, dadas as diversidades históricas que constituem a formação deste ser amazônico. Quando se fala em Amazônia, tanto nacional como internacionalmente, se lembra das exuberantes paisagens e do vasto território, mas muitas vezes se desconsidera os diversos “homens amazônicos” que nela vivem, criam raízes e formam a identidade, isto é, o homem e a mulher já são partes indissociáveis do ambiente amazônico.

Em termos de conceituação de identidade, os autores Laburthe-Tolra e Warnier afirmam:

A identidade é um princípio de coesão interiorizado por uma pessoa ou um grupo. Permite-lhes reconhecerem-se e serem reconhecidos. A identidade consiste num conjunto de características partilhadas pelos membros do grupo, que permitem um processo de identificação das

²⁴ FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Cienc. Cult.** [online]. 2009, vol. 61, n.3, pp. 30. ISSN 2317-6660. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n3/a12v61n3.pdf>> Acesso em: março de 2016.

pessoas no interior do grupo e de diferenciação em relação aos outros grupos.²⁵

Coadunando com estes princípios os pesquisadores Teixeira, Fonseca e Casseb assim destacam a importância da identidade:

A **percepção de si e dos outros** é um problema enfrentado cotidianamente em todas as sociedades, com os mais graves tipos de implicação. O estado e as sociedades modernas [...] formulam um amplo processo de estruturação das identidades a partir de três grandes pressupostos: o **indivíduo, a classe e a nação. Toda identidade é relacional**, isto é, depende de algo fora dela para existir ou, posto de outra forma, depende de outra identidade que possa estabelecer a diferença (WOODWARD, 200, P. 9). [...] Traduzem também uma **constituição nas relações de produção e do espaço ou território**, em que o indivíduo reside e se relaciona, com um determinado grupo de agentes.²⁶ (negritos nossos).

Aqui cabe frisar que neste processo de diferenciação e constituição do grupo é fundamental o conceito de territorialidade, pois os grupos se constituem a partir dos saberes e práticas que estão correlacionados ao território: “Historicamente recorre-se às formas mais expressivas da existência dos grupos para estabelecer as bases da identidade social e coletiva. Os traços étnicos e culturais, a definição das formas de produzir e de fazer, além do pensar”²⁷. Ou seja, para a existência da identidade social e coletiva se faz necessário o território, onde o produzir e o fazer se dão de maneira comunitária ou participativa.

Quando se refere à territorialidade, deve-se remeter aos elementos essenciais para a manutenção da identidade e sobrevivência da comunidade tradicional, conforme se pode observar nas conclusões dos estudos dos pesquisadores Teixeira, Fonseca e Casseb:

- a territorialidade assegura a simbiose entre natureza e a comunidade, preservando os vínculos que asseguram o melhor aproveitamento dos recursos e o seu uso racionalizado;

²⁵ LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia – Antropologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997. p. 409.

²⁶ TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da; CASSEB, Almeida. Remanescentes de Quilombo de Santo Antônio do Guaporé, Identidade e Territorialidade Adversas. In ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). **Conflitos Sociais no “Complexo Madeira”**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009. p. 78

²⁷ TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da; CASSEB, Almeida. Remanescentes de Quilombo de Santo Antônio do Guaporé, Identidade e Territorialidade Adversas. p. 79.

- a territorialidade assegura a perpetuação dos conhecimentos tradicionais, indispensáveis à sobrevivência e perpetuação da identidade coletiva do grupo;
- a territorialidade assegura os meios materiais indispensáveis à sobrevivência física e mental do grupo que nele reside;
- os espaços territoriais garantem o uso sustentável de recursos naturais e os viabilizam²⁸.

Embora muitas vezes isso aconteça nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, essa identidade e territorialidade são desconsideradas e até mesmo ofuscadas, tornadas invisíveis e/ou negadas para descaracterizar os direitos das comunidades que se identificam como ribeirinhas: “[...] a história do homem na Amazônia é marcada por silêncios e ausências que acentuam a sua relativa invisibilidade e velam os traços configurativos da sua identidade”²⁹.

Como foi proposto no início, observa-se essa invisibilidade da identidade das comunidades tradicionais e com isso se nega seus direitos e essas comunidades são impactadas com as obras de grandes projetos e, na maioria das vezes, não são realizados os estudos necessários junto às comunidades e seus habitantes.

O projeto de deslocamento da comunidade de São Carlos, aqui objeto de estudos, não é diferente, ou seja, não foram ainda realizados estudos para dimensionar os impactos nas identidades socioculturais do modo de ser ribeirinho. Como nos alerta Laburthe-Tolra e Warnier³⁰, é preciso estar atento às relações e interações sociais dos grupos para entender a identidade de uma comunidade. Salienta ainda que a família é marco importante na identificação social, na difusão da cultura e do modo de ser da comunidade. Como se observa nas comunidades ribeirinhas, a pertença à família é outra característica fundamental para o entendimento da dinâmica social dessas comunidades.

Cabe destacar que é de suma importância estes estudos sobre o cotidiano, as práticas sociais, comunitárias, culturais e territoriais das comunidades ribeirinhas

²⁸ TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da; CASSEB, Almeida. Remanescentes de Quilombo de Santo Antônio do Guaporé, Identidade e Territorialidade Adversas. p. 84-85.

²⁹ FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. p. 30.

³⁰ LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia – Antropologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997. p. 73-77.

amazônicas, especialmente por ocasião de obras e projetos com as magnitudes dos aqui elucidados:

Para compreender esses grupos sociais é preciso **desvendar seu cotidiano**, é necessário considerar o contexto contraditório no qual estão inseridas suas **manifestações e práticas culturais**. [...] **compreender seus vastos territórios**. É preciso perceber que, para além da paisagem natural, harmônica e romântica, **há paisagens socialmente construídas repletas de contrastes e contradições**.³¹

Neste contexto, entendemos que é fundamental o contato direto com a comunidade por parte daqueles que elaboram as políticas públicas e os projetos de redefinições territoriais, pois é preciso compreender o modo de vida do ser amazônico e suas identidades socioculturais. Assim, cabe ao antropólogo, ao pesquisador de outras áreas ou àqueles que elaboram as políticas públicas, essa presença atenta e um observar que toma o micro como importante, que não deixa passar despercebido os elementos que ajudam a compor a identidade e a dinâmica de um grupo social, que valoriza as pequenas relações³².

Observa-se que é preciso que sejam realizados estudos junto às comunidades para se implantar projetos como o aqui discutido, pois somente uma presença no cotidiano da comunidade possibilitará uma pesquisa mais detalhada sobre a sua identidade sociocultural e poderá se falar em iniciativas de superação da invisibilidade das comunidades e mostrar seu potencial de grupo social: “A iniciativa de dar visibilidade aos povos amazônicos pressupõe considerá-los inseridos em um contexto de mudanças históricas, sujeitos às mesmas dinâmicas que permeiam o sistema socioeconômico e político-cultural da civilização contemporânea.”³³

Portanto, há a necessidade de reconhecer que estas comunidades possuem uma diversidade de práticas, manifestações culturais, territoriais e sociais que não podem ser homogeneizadas ao estilo de vida das cidades ou simplesmente *deslocadas compulsoriamente*³⁴, sem levar em conta essa pertença ao território e ao

³¹ FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. p. 30.

³² LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 152-155.

³³ FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. p. 30.

³⁴ BARAÚNA, Gláucia Maria Quintino. Atingidos por Barragens: Conflitos Socioambientais no Rio Madeira. **Tese de Doutorado**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

modo de vida que se constitui a partir dele. Assim, caberá o reconhecimento do valor da participação dessas comunidades e da compreensão de suas práticas cotidianas no processo de formação política e identitária local e nas redefinições territoriais de comunidades tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatado, o território é um dos elementos constituidores e de suma importância para garantir a sobrevivência e manutenção das condições adequadas para a existência das identidades socioculturais de uma comunidade tradicional. Pois é em torno do território, suas nuances, curvas, recursos e imaginário que a comunidade se constitui, se refaz. É neste cenário que as políticas governamentais e os projetos com comunidades ribeirinhas devem priorizar um aprender com as representações sociais próprias de cada comunidade, buscando assim o entendimento de sua constituição, das suas ações, sua formação, sua identidade e realidade social vivida pela comunidade ao longo de sua história, a exemplo da comunidade de São Carlos com mais de 290 anos de colonização, o que marca a comunidade como um capítulo indissociável da história de constituição do povo brasileiro.

Assim, espera-se que o presente estudo, mesmo que breve e introdutório, possa contribuir como um norte para avaliação dos impactos das políticas públicas sobre as mobilizações e redefinições territoriais das comunidades ribeirinhas, a exemplo do Projeto “Nova São Carlos”, em Rondônia e na Amazônia.

Neste sentido, a continuidade desta pesquisa, com enfoque antropológico e etnográfico, irá possibilitar resultados significativos no entendimento da dinâmica das comunidades ribeirinhas do Estado de Rondônia, servindo como contribuições científicas para futuros projetos governamentais, isto é, a caracterização da Comunidade de São Carlos irá trazer um maior conhecimento do estilo de vida, da identidade e da importância do território para estas comunidades e possibilitará o entendimento desta dinâmica, visando evitar ações futuras de deslocamentos compulsórios, reduzindo os impactos socioambientais e os conflitos sociais e socioculturais.

Por fim, se reafirma a importância de continuar a pesquisar e acompanhar nos próximos anos os impactos socioculturais e de identidade que irá passar a comunidade ribeirinha de São Carlos, que, como afirma comprovado, se encontra ameaçada em sua identidade e integridade (física/territorial, cultural, social, humana e econômica), considerando os impactos já sofridos com as Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira e as consequências, conflitos socioambientais e de identidade que vêm ocorrendo, e ainda irão ocorrer, com este processo de deslocamento territorial compulsório com a implantação do Projeto “Nova São Carlos”.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

APÓS garantir a área para a reconstrução do distrito de São Carlos Sempla e Uniron apresentam projeto arquitetônico. *O Nortão*. Disponível em:

<<http://www.onortao.com.br/noticias/apos-garantir-a-area-para-a-reconstrucao-do-distrito-de-sao-carlos-sempla-e-uniron-apresentam-projeto-arquitetonico,39871.php>>

Acesso em: maio de 2017.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). Conflitos Sociais no “Complexo Madeira”. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009.

BARAÚNA, Gláucia Maria Quintino. Atingidos por Barragens: Conflitos Socioambientais no Rio Madeira. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia – Formação Social e Cultural. Manaus: Editora Valer, 2009.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *Cienc. Cult.* [online]. 2009, vol.61, n.3, pp. 30-32. ISSN 2317-6660. Disponível em:

<<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n3/a12v61n3.pdf>> Acesso em: outubro de 2015.

LABURTHER-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia – Antropologia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LIMA, Abnael Machado de. *Terras de Rondônia: Geografia Física e Humana*. 2ª ed. Porto Velho: editora do autor, 1991.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

NAPRA, Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia. São Carlos do Jamari. Disponível em: <<http://www.napra.org.br/comunidades-apoiadas/sao-carlos-do-jamari/>> Acesso em: outubro de 2016.

OLIVEIRA, Maria Coimbra de. *Arte rupestre em Rondônia. Presidente Médici – Rondônia: s.e., 2013.*

PACHECO DE OLIVEIRA, João. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PREFEITURA DE PORTO VELHO. Após garantir área para a reconstrução do distrito de São Carlos Sempla e Uniron apresentam projeto arquitetônico. Disponível em: <<http://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/apos-garantir-area-reconstrucao-distrito-sao-carlos-sempla-e-uniron-apresentam-projeto>> Acesso em: setembro de 2015.

RELATÓRIO aponta situação de distritos do Baixo Madeira atingidos por cheia. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/04/relatorio-aponta-situacao-de-distritos-do-baixo-madeira-atingidos-por-cheia.html>> Acesso em: maio de 2017

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *O Renascer dos Povos Indígenas para o Direito*. Curitiba: Editora Juruá, 1998.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da; CASSEB, Almeida. Remanescentes de Quilombo de Santo Antônio do Guaporé, Identidade e Territorialidade Adversas. In ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). *Conflitos Sociais no “Complexo Madeira”*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ZIMMERLI, Eduardo Renato; SIENA, Osmar. Conflitos Socioambientais pela Construção das Usinas do Jirau e de Santo Antônio no Rio Madeira. Anais do XXXVII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 7 a 11 de setembro de 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_APB2369.pdf> Acesso em: setembro de 2015.